



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA APARECIDA NASCIMENTO DE ALMEIDA

INTERCULTURALIDADE E INTEGRAÇÃO
NO AMBIENTE ESCOLAR

GUARABIRA – PB
2014

MARIA APARECIDA NASCIMENTO DE ALMEIDA

INTERCULTURALIDADE E INTEGRAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias

GUARABIRA – PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A447iAlmeida, Maria Aparecida Nascimento de

Interculturalidade e integração no ambiente escolar /Maria
Aparecida Nascimento de Almeida. – Guarabira: UEPB,
2014.

56 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares) Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof.Ma. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias.”

1. Diversidade Cultural. 2. Escola. 3. Integração. I.
Título.

22. ed. CDD 370.117

MARIA APARECIDA NASCIMENTO DE ALMEIDA

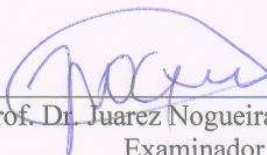
**INTERCULTURALIDADE E INTEGRAÇÃO NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.


Aprovada em 19 /07/2014.



Prof.^a Ma. Luana Francisleyde Pessoa de Farias / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins / UEPB
Examinador 1



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto / UEPB
Examinador 2

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antonio José de Almeida (in memoriam) e Maria Leônia Nascimento de Almeida, pela dedicação companheirismo e incentivo durante minha vida acadêmica, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder sabedoria e fortaleza para concluir este curso, mesmo diante de todas as adversidades.

Aos meus pais: Antônio José de Almeida (in memoriam) e Maria Leônia N. de Almeida, que nunca mediram esforços para que eu alcançasse mais este objetivo.

Aos meus avôs: José Adolfo de Almeida e Manoel Fernandes do Nascimento (in memoriam) que assim como meu pai permanecerão sempre comigo em minhas lembranças como exemplo de perseverança a seguir.

Às minhas avós: Severina Rita da Conceição, por compreender os momentos de ausência e Maria Francisca do Nascimento pelo incentivo e apoio que sempre me dedicou.

Aos meus tios, primos e demais familiares pela assistência prestada a minha avó nos momentos em que estive ausente.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB que contribuíram por meio das disciplinas que ministraram para o desenvolvimento desta pesquisa, em especial à professora Luana Francisleyde Pessoa de Farias, pela dedicação, responsabilidade e competência com as quais me orientou para conclusão desta monografia.

Aos professores, tutores e demais responsáveis pela plataforma moodle, os quais mesmo a distância contribuíram de forma significativa para o nosso conhecimento.

Ao professor Belarmino Mariano pela simplicidade e atenção com que sempre procurou soluções para os impasses que surgiam durante o curso.

Aos funcionários da UEPB, que através do seu trabalho, viabilizaram a realização deste Curso de Especialização.

Aos colegas de turma por auxiliarem no processo de construção do conhecimento durante as aulas.

Ao diretor da Unidade Escolar na qual leciono, Francisco Camilo Pereira Neto, o qual sempre esteve aberto as minhas propostas e disposto a ajudar para concretização destas.

Ao Senhor Fred Pimentel e aos ex-alunos Romário Farias e Manuela Honório, pela disponibilidade e contribuição para o desenvolvimento dos projetos pedagógicos que foram tomados para análise.

Ao corpo docente em nome das professoras: Cíntia de Kássia Gomes Regis, Ana Caroline Genésio Rodrigues e Gelza Helena de Lima Silva, bem como aos demais funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino que contribuíram direta ou indiretamente com as ações propostas pelos projetos.

A Secretária Municipal de Educação, Maria José Batista de Lucena, por ter viabilizado a realização de algumas atividades das quais relatamos aqui as experiências.

“Ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a própria identidade”. (Dimos Iksilara)

RESUMO

A presente monografia propõe uma discussão teórico-metodológica sobre questões de identidade e diversidade, conceitos que parecem contraditórios, mas apresentam uma interdependência conforme elucida Silva (2011). Assim um trabalho que se propõe a tratar da interculturalidade não pode ficar alheio a esse debate, já que se criou a ilusão, em nosso país, de que a miscigenação é a solução para resolver questões de subordinação; amparados nessas considerações, defendemos que a uniformização cultural afeta tanto as identidades tidas como subordinadas quanto às consideradas hegemônicas socialmente, pois desloca as identidades originais. Com o intuito de analisar como a instituição escola e os profissionais da educação podem assumir uma identidade intercultural, nos propomos a uma investigação epistemológica, de cunho antropológico e sociológico, guiada por Louro (1997) e Nascimento (2005), a fim de discutir quem é esse sujeito pós-moderno, a partir das considerações de Hall (2006), e como ele convive com a diversidade cultural que o circunda, analisando as perspectivas e documentos educacionais que orientam para o trato da pluralidade cultural. Para tanto, relatamos e analisamos as experiências proporcionadas pelos projetos pedagógicos Da Cultura Erudita à Cultura Popular e Lei 11.645/08 Fazer Valer, Basta Querer! Desenvolvidos nos anos letivos 2012 e 2013 respectivamente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu/PB. Por fim, constatando que a identidade não é adotada como forma de autoafirmação, mas de desqualificação de determinados grupos sociais, o que faz com que haja uma negação do pertencimento étnico racial e uma defesa da miscigenação em nome de uma aceitação e possível ascensão social. Dessa forma, faz-se urgente uma intervenção no âmbito educacional a fim de propiciar o oferecimento de educação de qualidade guiada por uma pedagogia com a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural. Escola. Integração.

ABSTRACT

This monography proposes a theoretical and methodological discussion on issues of identity and diversity, concepts that seem contradictory, but show interdependence as elucidates Silva (2011). Thus, a paper that aims to deal with interculturalism can not remain indifferent to this discussion, since it was created the illusion in our country, that miscegenation is the key to solve issues of subordination; supported on these considerations, we argue that cultural uniformity affects both the identities known as subordinate as those considered socially hegemonic, because it displaces the original identities. In order to analyze how the school institution and education professionals may assume an intercultural identity, we propose an epistemological research, anthropological and sociological, guided by Blonde (1997) and Nascimento (2005), to discuss who is this postmodern subject from the considerations of Hall (2006), and how it coexists with the cultural diversity that surrounds it, analyzing the perspectives and educational documents that guide for the treatment of cultural plurality. To this, we report and analyze the experiences provided by the pedagogical projects “From Classical Culture to Popular Culture” and the Law 11.645/08 “Enforcing, Just Want to!” Developed in the 2012 and 2013 school years respectively at the State School of Elementary and Secondary Education Major Antonio de Aquino, in the city of Mulungu/PB. Finally, noting that the identity is not adopted as a form of self-assertion, but of disqualification of certain social groups what means that there is a denial of racial ethnic belonging and a defense of miscegenation in the name of acceptance and possible social ascension. Thus, it is urgent an intervention in the education sector in order to facilitate the offering of quality education guided by a pedagogy of diversity.

KEYWORDS: Cultural diversity. School. Integration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Palestra A Cultura da Gente, Somos Brasileiros	31
Figura 2 - Auditório da Palestra A Cultura da Gente, Somos Brasileiros	31
Figura 3 - Apresentação de uma Peça de Música Erudita	32
Figura 4 - Auditório da Apresentação do Coral do Departamento de Música da UFPB	33
Figura 5 - Dinâmica na Oficina de Teatro	34
Figura 6 - Entrevista com Ariano Suassuna	35
Figura 7 - Homenagem a Ariano Suassuna: entrega do santo	35
Figura 8 - Homenagem a Ariano Suassuna: entrega da porca	36
Figura 9 - Autógrafos em Obras Literárias da Biblioteca da Escola	36
Figura 10 - Concurso de Trava-língua	37
Figura 11 - Apresentação dos Ritmos Musicais: xote, xaxado e baião	38
Figura 12 - Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB	39
Figura 13 - Auditório da Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB	39
Figura 14 - Minicurso Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais.....	41
Figura 15 - Dinâmica em Grupo Rompendo com o Preconceito	41
Figura 16 - Exposição Descobrimos os Índios	43
Figura 17 - O Índio na Literatura Brasileira	43
Figura 18 - Apresentação do Cordel	44
Figura 19 - Quadrilha da Diversidade	45
Figura 20 - Representação dos Africanos	46
Figura 21 - Representação do Maracatu	46
Figura 22 - Representação dos Indígenas	47
Figura 23 - Prédio da FUNAI	48
Figura 24 - Artesanatos Indígenas	48
Figura 25 - Escola Estadual Indígena da Aldeia São Francisco	49
Figura 26 - Professores e Alunos na Aldeia do Forte	50
Figura 27 - Equipe da Escola e Índios Potiguaras	50
Figura 28 - Explicação da Guia Turística sobre a Cultura do Povo Potiguara	51
Figura 29 - Equipe de Ginástica Rítmica de João Pessoa	52
Figura 30 - Dança Afro-brasileira	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SUJEITO E CULTURA NA PÓS-MODERNIDADE	13
2.1 Cultura, Multiculturalismo e Homogeneização cultural	13
2.2 Identidade ou identidades? Um reflexo da contemporaneidade	16
2.3 Interculturalidade e alteridade: o respeito à diversidade	18
3 RELEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR	21
3.1 Teoria x prática: escola uma arena de conflitos	23
3.2 Formação de educadores para uma pedagogia com a diversidade.....	25
3.3 Da divisão à integração	26
4 DA CULTURA A INTERCULTURALIDADE: UM APELO À IGUALDADE	29
4.1 Projeto pedagógico da cultura erudita à cultura popular.....	29
4.1.1 Palestras.....	30
4.1.2 Apresentação do Coral do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).....	32
4.1.3 Oficina de Teatro	33
4.1.4 Entrevista com Ariano Suassuna	34
4.1.5 Gincana Temática	37
4.1.6 Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB	38
4.2 Projeto pedagógico: lei 11.645/08 fazer valer, basta querer!.....	40
4.2.1 Minicurso – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico- raciais	40
4.2.2 – Aulas temáticas - A Influência Indígena na Cultura Brasileira	42
4.2.3 “Arraiá” da diversidade	44

4.2.4 Desfile Cívico	45
4.2.5 Viagens as Aldeias Indígenas na Baía da Traição	47
4.2.6 Jogos Internos	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

A presente monografia foi composta por uma pesquisa bibliográfica e de campo e tem por finalidade trazer as discussões sobre a diversidade cultural e conseqüentemente étnico-racial para o âmbito educacional, tendo em vista o fato dessas temáticas teoricamente terem ganhado um espaço considerável nas instituições de ensino a partir 1997, quando os temas transversais do currículo elegeram a Pluralidade Cultural como tópico orientador na busca por respeito mútuo, e mais recentemente com a sanção da Lei 11.645 em 2008, a qual prevê a obrigatoriedade de inclusão no currículo escolar de temáticas relacionadas à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.

Dessa forma, destacamos aqui aspectos que merecem uma especial atenção de todos os profissionais da educação, no sentido de contribuir com sua prática docente para que a escola possa desempenhar sua função social com responsabilidade. Quando trazemos ao centro da discussão a diversidade cultural, por vezes, deparamo-nos com conceitos que se apresentam contraditórios, mas que devem ser levados em consideração quando se objetiva propor uma abordagem que incentive nossa reflexão no que tange ao trato dessa diversidade no ambiente escolar.

É importante destacar que o enfoque cultural pressupõe a análise de aspectos étnicos, raciais e sociais, o que nos impulsiona a uma abordagem do sujeito em suas múltiplas identidades no mundo contemporâneo. Assim, buscamos subsídios nos mais renomados autores que se dedicam a essa linha de pesquisa no intuito de traçarmos um paralelo entre as várias áreas do conhecimento que se dedicam a análise desse ser social, em seu espaço de atuação, o que possibilita uma reflexão quanto à postura assumida pelos diferentes sujeitos nas instituições de ensino.

Para tanto, apoiamo-nos, a princípio, nas considerações de Laraia (2001), a fim de apresentar um conceito antropológico da cultura, o que leva-nos a percepção desse fator social, como construção humana, auxiliando-nos no combate ao determinismo biológico e geográfico que continuam sendo amplamente difundidos como forma de justificar o preconceito e a discriminação.

Tal qual o supracitado autor, Fleuri (2003) também é evocado para encaminhar nossas discussões sobre as propostas educativas que buscam renovar os paradigmas metodológicos no trato com a diversidade, levando nossa análise para o campo epistemológico e social com o objetivo de perceber as implicações que se encontram imbuídas em termos como:

multiculturalismo, transculturalismo e interculturalidade, analisando a adequação dos mesmos para fins educacionais e buscando assim evitar que o uso inadequado desses termos, pelo sentido que encerram, possa perpetuar o estabelecimento de uma sobreposição cultural.

Feitas as devidas intervenções, dedicamo-nos na sequência à análise de quem é esse sujeito pós-moderno com o qual convivemos em nossas escolas? E que características da pós-modernidade externam? Para tanto, Hall (2001) e Silva (2011/2007) oferecem-nos uma contribuição inestimável, tendo em vista a complexidade da abordagem desses aspectos devido as constantes mudanças identitárias, características do mundo pós-moderno.

Por fim, Louro (1997) e Nascimento (2005) despertam nossa percepção para observância da construção das diferenças no ambiente escolar e como estas se perpetuam até hoje, exigindo de nossa parte uma intervenção para que não venham segregar, cada dia mais, nossos educandos.

Tendo consciência de que é primordial para uma análise que se pretenda contribuir com a desconstrução do preconceito, seja ele racial ou cultural, a apresentação de propostas que possam contribuir com a resolução da problemática identificada, finalizamos a nossa abordagem destacando aspectos adequados à concretização de uma pedagogia da diversidade e a análise das contribuições dos projetos: *Da Cultura Erudita à Cultura Popular* e *Lei 11.645/08 Fazer Valer, Basta Querer,!* desenvolvidos na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu – PB, nos anos 2012 e 2013, os quais tinham como propósito além de suscitar o respeito e a valorização pela diversidade, propiciar integração e formação cidadã.

2 SUJEITO E CULTURA NA PÓS-MODERNIDADE

É inegável que as questões culturais e raciais vêm constantemente ganhando espaço no cenário nacional, por N motivos, alguns dos quais elencaremos mais adiante, mas o fato é que não podemos tratar questões tão sérias, sem nenhum embasamento teórico e reflexivo. Desta forma optamos por iniciar nossas discussões tecendo algumas considerações sobre os termos que intitulam este capítulo, tendo em vista a complexidade dos mesmos e nossa proposta de analisar aspectos interculturais no mundo pós-moderno. Acrescentando a esta discussão as noções de identidades, as quais são indissociáveis dos sujeitos.

2.1 Cultura, Multiculturalismo e Homogeneização cultural

Se propor uma definição para o termo Cultura já não é uma tarefa fácil, tendo em vista a complexidade de sentidos que se resume neste termo, imaginem como deve ser acirrado o debate quando se traz ao centro da discussão a diversidade cultural? Contudo, tal complexidade não deve se constituir como empecilho para o trato dessa temática, mas como um desafio necessário para o trabalho docente responsável e comprometido com a formação cidadã dos educandos, pois esta diversidade é uma constante no ambiente educacional, já que é para a instituição escolar que convergem todas as demandas sociais.

Mesmo diante dessa dificuldade conceitual, é inegável que antes de quaisquer considerações acerca das implicações culturais no âmbito educacional, faz-se necessário um conhecimento teórico-antropológico do termo Cultura, para nortear um enfoque epistemológico que nos permita elucidar a terminologia por nós adotada no trato da diversidade cultural. De acordo com Laraia (2001, p. 25), o termo Cultura, tal qual utilizado atualmente, foi proposto pela primeira vez por Tylor, conforme constatamos abaixo,

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832 – 1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Assim, essa palavra consegue sintetizar “as possibilidades de realização humana”, e combater o determinismo geográfico e biológico, destacando o “caráter de aprendizado da cultura”, pois o homem é resultado do meio no qual foi socializado.

Tal perspectiva apoia nossas considerações, já que permiti-nos constatar a necessidade de adotar um termo capaz de abranger a coexistência de várias culturas defendendo o direito destas serem “diferentes” e terem suas diferenças respeitadas.

Dessa forma, apoiando-nos nas considerações de Fleuri (2003), apresentamos na sequência uma abordagem etimológica que nos permite perceber a pertinência de utilização do termo Interculturalidade a fim de transpor para o âmbito político os anseios e expectativas dos diferentes grupos culturais no que se refere ao respeito de suas identidades.

O multiculturalismo é um fenômeno que teve origem nos Estados Unidos, Canadá e Grã-Bretanha, assumindo diversas denominações nos países da Europa. Por sua vez, a perspectiva da Educação Multicultural (Multicultural Education) surgiu nos Estados Unidos a partir do momento em que grupos sociais considerados subordinados passaram a dirigir duras críticas ao currículo universitário, o qual privilegiava a cultura de grupos sociais tidos como hegemônicos, e exigir um currículo que representasse as diversas culturas.

Por mais que a extensão da discussão para o âmbito educacional e curricular se apresente como uma conquista, é importante destacar o caráter ambíguo do Multiculturalismo, pois segundo Silva (2010, p. 85) “não se pode separar questões culturais de questões de poder”,

O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca no interior daqueles países para a cultura nacional dominante. De uma forma ou de outra o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de tudo, obrigaram essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço.

Dessa forma, duas acepções contraditórias são evocadas para o trato da ambiguidade: a primeira perspectiva considera o Multiculturalismo um movimento legítimo de reivindicação das minorias para terem suas culturas reconhecidas; a segunda, por sua vez, considera-o uma manobra política, tal qual ocorreu com a miscigenação no século XIX, que só deixou de ser considerada como condição de degeneração da raça humana, quando

vislumbrou-se através dela a perspectiva de um embranquecimento da população através do incentivo à imigração, conforme destaca Santos (2005, p. 150),

O ponto de equilíbrio da sociedade brasileira passaria a ser o mestiço e o caráter miscigenado de nossa população é posto em foco como meio de engrandecimento inigualável. O Brasil seria o solo propício para uma sociedade mais democrática em termos raciais, visto ser fundada sobre a mestiçagem.

Conforme constatado acima, a miscigenação é tomada como forma de mascarar a discriminação, e velar o preconceito, pois por meio dela, “somos todos iguais”, o que culminou com o chamado “racismo à brasileira”. Nesse sentido, teme-se que o multiculturalismo também seja tomado como forma de justificar a subordinação de determinados grupos culturais.

Segundo Fleuri (2003), “o termo “Multicultural” vem sendo utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma realidade de convivência entre diferentes grupos culturais num mesmo contexto social” (apud MOREIRA, 2001; SILVA 2001; 2003). Assim busca-se uma terminologia que não trate da questão de forma homogeneizada ou tolerante, mas que transmita o direito e respeito às diferenças, o que do mesmo modo não é transmitido através do termo “Transcultural”, conforme também nos elucidada Fleuri (2003, p. 17),

[...] o adjetivo “transcultural” é utilizado segundo diferentes sentidos. É entendido às vezes como elemento transversal já presente em diferentes culturas (universais culturais inscritos na estrutura humana), ou então como produto original da hibridização de elementos culturalmente diferentes”.

Pelo exposto, fica claro que o termo Transcultural, assim como o termo Multicultural, sugere uma homogeneização cultural, o que interfere na aceitação da identidade do sujeito e da diversidade, pois essa hibridização estabelece uma igualdade que não se concretiza na prática, mascarando as relações de poder que continuarão subjugando uma cultura em detrimento de outra e apontando o determinismo biológico, geográfico, ou quaisquer outras justificativas sem fundamento para explicar a falta de oportunidades iguais dentro da sociedade.

Com o adjetivo “Intercultural”, a complexidade não se reduz, mas adotamos esta terminologia sob a perspectiva de “compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepitibilidade de cada sujeito humano” (FLEURI, 2003). Diferente dos termos anteriormente destacados, este não propõe nem a homogeneização, nem a tolerância, mas o fim de uma visão vertical das culturas, onde uma se sobrepunha a outra estabelecendo assim uma hierarquização; fundamentando uma horizontalização cultural, propondo uma abordagem que perpassa entre as diversas culturas, pois não há critério algum capaz de propor uma hegemonia cultural. De acordo com Silva (2010, p. 86),

[...] as diversas culturas seriam o resultados das diferentes formas pelas quais os variados grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma manifestação artificial de característica comum de todo ser humano. As diferenças culturais seriam apenas a manifestação artificial de características humanas mais profundas. Os diferentes grupos culturais seriam iguados por sua comum humanidade.

Dessa forma, a Interculturalidade propõe o respeito e integração entre os diversos sujeitos e culturas das quais são representantes; mas qual a identidade do sujeito pós-moderno e como se apresenta esta diversidade no ambiente escolar? Estas questões serão apresentadas a seguir.

2.2 Identidade ou identidades? Um reflexo da contemporaneidade

Antes de quaisquer considerações sobre *identidade e sujeito*, se faz necessário uma compreensão dos termos Modernidade e Pós-modernidade, pois nossa proposta é analisar os aspectos anteriormente destacados no mundo pós-moderno. É inegável que tal distinção não é tarefa fácil, conforme Taschner (1999, p. 07) elucida,

A pós-modernidade tem como referência ou contraponto a modernidade. A origem do termo moderno remonta, por sua vez, ao século V (modernus, em latim); ele servia para diferenciar o (então) presente cristão da era passada pagã. Já o debate contemporâneo sobre a pós-modernidade vem da percepção de que estamos vivendo uma série de mudanças que nos afetam direta e indiretamente, e que é preciso entender – ainda que não se tenha chegado a um acordo claro sobre o significado e impacto de cada uma ou do conjunto delas sobre a vida social.

Assim a noção de pós-modernidade é construída em contraponto ao que entendemos como moderno. É importante salientar que esses termos apresentam características que não se resumem a questões sociais. Traçando um paralelo com a temática aqui discutida, verificamos que o comportamento do sujeito moderno, também se apresentava restrito, diferente do sujeito pós-moderno, o qual apresenta características imprecisas tal como a definição deste termo, pois este sujeito vive em constante transformação, o que justifica o fato de determinados teóricos afirmarem que vivemos em um mundo das “identidades fluidas”.

Reportamo-nos agora há algumas considerações de Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, com o intuito de analisarmos a construção histórica dos sujeitos; vale destacar que o supracitado autor apresenta três concepções de identidade do sujeito: a do iluminismo, que defende a permanência das capacidades de razão, consciência e ação, desde o nascimento até a vida adulta; já o sujeito sociológico é apresentado de forma mais autônoma, sendo formado na interação com a sociedade e modificado de acordo com as culturas e identidades com as quais mantém contato; enquanto o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades em diferentes momentos, algumas até contraditórias “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 02). Assim diferente da concepção iluminista, o sujeito pós-moderno é construído historicamente e não biologicamente.

É pertinente destacar que o sujeito pós-moderno reflete, em sua constante mudança identitária, as transformações constantemente ocorridas nessa sociedade globalizada, na qual está inserido. Assim os sujeitos precisam adaptar-se às diferentes realidades com as quais podem deparar-se, tendo em vista a substituição de uma sociedade tradicional por uma sociedade plural.

Vale salientar que é preciso, pois, ter consciência que, em determinadas situações, as identidades contraditórias podem se cruzar e se deslocar, considerando que a pluralização de identidades nos coloca diante de situações que podemos analisar sob os aspectos individuais e sociais. Assim, mesmo pertencendo a determinado grupo étnico, o sujeito pode se posicionar de forma contrária à postura adotada por um integrante do mesmo grupo.

O entendimento do sujeito pós-moderno, portanto, é essencial não apenas para nossa autocompreensão, mas também para reflexão da noção de alteridade.

2.3 Interculturalidade e alteridade: o respeito à diversidade

Inquestionavelmente as transformações ocorridas com o advento da Modernidade e da Pós-modernidade exige de nossa parte uma atitude reflexiva quanto a nossa postura e atuação nesta sociedade plural que se apresenta, onde a intolerância vem causando consequências devastadoras na vida dos sujeitos pós-modernos, seja devido questões: culturais, raciais, sociais, de gênero, entre outras tensões e conflitos constantes.

Nesse contexto, se faz necessária uma análise cautelosa até das terminologias adotadas para o trato com a diversidade quando se propõe combater a prática de sobreposição de sujeitos ou grupos em detrimento de outros.

Desta forma, como nos propomos a tratar da diversidade cultural, optamos por adotar a terminologia Interculturalidade, pois este termo, pelo sentido que encerra, apresenta-se como o mais apropriado, por se referir não à homogeneização ou à tolerância, mas à interação harmoniosa que deve haver entre as diferentes culturas.

Vale salientar que, para essa interação se concretizar na prática, segundo Silva[s.d.], é necessária à adoção de uma metodologia intercultural que perpassasse por três atitudes: a compreensão, com o objetivo de evitar confrontos; a penetração, que ocorre quando se busca posicionar-se no lugar do outro; e, por fim, a descentralização que se constitui como o momento oportuno para reflexão.

Concordamos que é essencial a adoção de tais atitudes, por essa razão evidenciamos, nesta discussão, a importância da Alteridade, palavra que define a segunda atitude supracitada, que mesmo apresentando-se como uma noção ainda em construção, já nos possibilita sua utilização visando à superação de preconceitos, como nos afirma Molar (2008, p. 1443),

A noção de alteridade possui uma perspectiva plural e híbrida, que não se enquadra em esquemas explicativos generalizantes, encadeados de modo inflexível. A constituição do mundo moderno, ou como preferem alguns teóricos, pós-moderno, no qual a globalização apresenta para a sociedade uma convivência nem sempre pacífica entre os grupos faz da alteridade palavra-chave para a superação de preconceitos e xenofobias.

Desta forma a noção de Alteridade visa despertar o respeito pelas diferenças que caracterizam o mundo Moderno e Pós-moderno, não segregando essas diferenças, mas

integrando-as de forma harmoniosa e respeitosa, pois ao me colocar no lugar do outro consigo vislumbrar melhor sua realidade e entender suas expectativas e necessidades.

Após essas primeiras considerações, nosso debate enveredará para o âmbito educacional, pois há muito tempo a escola deixou de ser o local que apenas prepara os jovens para o ingresso no mercado de trabalho ou no ensino superior, daí as recorrentes discussões sobre a função social dessa instituição, a qual recebeu a ardorosa tarefa de formar cidadãos críticos, “conscientes de seus direitos e deveres”, aptos a atuarem na sociedade em que vivem de forma transformadora.

Diante desse contexto, os profissionais da educação não podem ficar alheios às transformações sociais e a como essas transformações interferem na vida dos nossos educandos. Todavia, antes da apresentação de qualquer proposta no que se refere à inserção da alteridade no cotidiano escolar, é importante salientar que como se trata de uma noção ainda em construção seu debate no âmbito educacional é recente. Logo, faz-se necessária uma orientação mais específica ao corpo docente e demais profissionais, no intuito de elucidar o que vem a ser Alteridade e qual sua importância para o trato com a diversidade.

Para que, a partir dessa conscientização, os educadores possam incluir em sua prática pedagógica propostas e estratégias para uma *educação com a diversidade*¹, pois segundo Mollar (2008, p. 1443), Sendo a escola o local para onde convergem todas as demandas e tensões sociais, esta deve exercer a dupla função de produzir conhecimento e mediar os conflitos. [Desta forma] o aprofundamento da noção de alteridade surge para os educadores como necessário e inevitável para o apaziguamento e, principalmente, para o convívio com a diferença.

Pelo exposto percebemos que como a implicação da noção de alteridade no âmbito educacional é recente, o corpo docente da maioria das escolas ainda não está preparado para o trato com a diversidade sob esta perspectiva, mas segundo Molar (2008, p. 1452) esta é uma oportunidade ímpar de reconhecer-nos a partir do outro compreendendo “os sentimentos que as ações do sujeito podem gerar nos respectivos contextos”. Para o mesmo autor:

A educação, pensada com base na perspectiva da alteridade, passa a ser concebida como o processo construído pela relação particular e intensa entre diferentes sujeitos, os quais possuem opções e projetos também diferenciados.

¹Optamos por utilizar a expressão *com a diversidade*, porque Silva (2010) refere-se à pedagogia com a diferença, o que leva-nos a argumentar que esta pedagogia deve ser pensada não para a, como se fosse imposta, mas com a, utilizando assim aspectos desta diversidade com fins pedagógicos.

Esta percepção torna-se fundamental para o convívio harmonioso dos sujeitos pós-modernos nos estabelecimentos educacionais, pois há vários fatores que impedem a concretização desta noção no âmbito escolar, dentre eles: étnico-raciais, sociais, econômicos, culturais, entre outros.

Aliados aos fatores supracitados, destacamos também a uniformização comportamental ocasionada pela globalização, pois ao mesmo tempo em que se incentiva um comportamento correspondente a determinado paradigma imposto pela sociedade, se apresenta um tratamento diferenciado a alguns que seguem esse paradigma, por representarem a classe social menos favorecida, como também se oprime aqueles que têm a coragem de assumir sua identidade.

É necessário, pois, termos em mente que a pluralidade cultural, atualmente difundida nas escolas, objetiva despertar a compreensão social no tocante ao respeito às diferentes etnias, raças e culturas, presentes em nosso país, para que possamos habitar harmoniosamente nesta sociedade plural, sem que seja necessário recorrer a mecanismos judiciais para fazer valer nosso direito constitucional de sermos respeitados em nossas diferenças.

3 RELEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR

Se os sujeitos pós-modernos, por diversos fatores destacados no primeiro capítulo, apresentam essa identidade multifacetada, imaginem quão complexa não será a discussão sobre aqueles que se encontram na fase juvenil, período de descoberta sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que o circunda. Nesse sentido, é pertinente voltarmos nosso olhar para os jovens enquanto sujeitos sociais, os quais refletem em seus comportamentos os anseios e expectativas de uma geração imediatista por estarem inseridos em uma sociedade onde foram rompidas as fronteiras de tempo e espaço, devido os avanços tecnológicos e o processo de globalização.

Não é difícil perceber que passamos por um processo de incomunicabilidade entre docentes e discentes. Tal afirmação é facilmente comprovada através dos discursos da maioria dos educadores que se isentando da culpa atribuem-na frequentemente aos alunos e pelas justificativas destes que rebatem as acusações, conforme nos descreve Carrano (2008, p. 109)

[...] Da parte dos professores, os jovens alunos são comumente rotulados de desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de baixa cultura, com sexualidade exacerbada e alienada, hedonistas e consumistas. Alunos, por sua vez, dão testemunho de uma experiência pouco feliz no ambiente escolar, especialmente quando se trata de aulas e professores: aulas chatas e sem sentido prático, professores despreparados e “sem didática”, autoritarismos de docentes e administradores, espaços pobres e inadequados, ausência de meios educacionais (principalmente computadores e internet), ausência de atividades culturais e passeios. Isso tudo num quadro econômico no qual a escolarização das novas gerações se massificou em um regime precário e, ao mesmo tempo, deixou de representar garantia de inserção social e profissional.

Desde a publicação deste artigo no ano de 2008, a única evolução que percebemos é a informatização das escolas, mas a tecnologia não substitui a metodologia, o que faz com que a maioria das escolas permaneçam na situação acima citada. No tocante a utilização das tecnologias educacionais e a proposta de atividades culturais, projetos pedagógicos podem viabilizar a inserção desta prática no cotidiano escolar de forma a dinamizar a aprendizagem, possibilitando novas formas de aprender, mas no que refere ao processo que deveria ser de construção do conhecimento a tensão permanece, pois ainda há os docentes que atribuem a responsabilidade por essa situação ao sistema educacional brasileiro e ao currículo escolar.

Não temos por objetivo esgotar aqui essa discussão, o que seria impossível, mas gerar reflexão de como a educação escolar pode aproximar através dos componentes curriculares as habilidades e competências que os discentes devem desenvolver durante sua vida estudantil das necessidades que a realidade impõe aos nossos educandos.

Carrano, (2008, p. 109) defende que,

[...] muitos dos problemas relacionados com a baixa sinergia comunicativa entre professores/as e alunos/as residem numa ignorância relativa da instituição escolar e de seus profissionais sobre os espaços culturais e simbólicos nos quais os jovens se encontram imersos. Numa perspectiva de compreensão da vida escolar como uma rua de mão dupla, intuo que o esforço dos educadores em compreender os sentidos de ser jovem no tempo presente pode resultar em práticas políticas que possibilitem que os jovens encontrem sentido nos tempos e espaços escolares.

Assim é preciso que as escolas façam um diagnóstico e construam uma identidade de forma a propor intervenções que se adequem a sua comunidade escolar, como foram idealizadas as experiências que são relatadas no último capítulo dessa monografia, que de forma alguma constituem-se como modelo a ser seguido, até porque não existe receita pronta, mas que se apresentam como uma tentativa de dinamizar a aprendizagem através do trato de importantes temáticas sociais com vistas a uma formação cidadã.

Pelo exposto é perceptível que há vários entraves que dificultam nosso trabalho educacional, mas é válido lembrar que, enquanto sujeitos pós-modernos, nós, educadores, precisamos passar por um processo de autocompreensão para que a partir deste possamos intervir de forma eficaz nas relações estabelecidas no ambiente escolar, assumindo de forma responsável e comprometida nossa identidade docente, pois segundo Melucci (2004 apud Silva, 2009 p. 47) “a identidade pressupõe sempre o entrelaçamento de dois aspectos indissociáveis: o individual e o social, pois sempre que nos questionamos sobre nós mesmos e como os outros nos percebem, esbarramos necessariamente em nossa identidade”.

É inegável que são inúmeras as atribuições profissionais, dentre as quais destacamos a formação educacional para o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho, o que faz com que por vezes deixemos em segundo plano a formação dos jovens enquanto sujeito social, capaz de lidar de forma harmoniosa com as transformações instantâneas que ocorrem em nossa sociedade, seguro de si e senhor dos seus atos. Além dos fatores supracitados Esteve (1995, apud Silva, 2009, p. 48) enumera uma série de fatores que ao longo do tempo vêm interferindo na formação da identidade docente, conforme observamos a seguir:

[...] o conjunto de mudanças sociais e educacionais ocorridos nos últimos vinte anos ocasionou impactos profundos na identidade profissional docente, tais como: o aumento de exigências em relação às atividades desenvolvidas pelos professores; a inibição de outros agentes de socialização, como a família; o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; a ruptura do consenso social sobre o papel da educação; o aumento das contradições no exercício da docência, as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo; a menor valorização social do professor; as mudanças nos conteúdos escolares; a escassez de recursos materiais e condições de trabalho deficientes; as mudanças nas relações professor e aluno e a fragmentação do trabalho do professor.

É inegável que devemos lutar por nossos direitos, mas também cumprir com nossos deveres tendo discernimento para intervir de forma significativa e alcançar os objetivos: cognitivos, atitudinais ou procedimentais traçados para nossos educandos preparando-nos para enfrentar as contradições que a sociedade pós-moderna possa nos apresentar. Não queremos afirmar com isso que se trata de uma tarefa fácil, mas necessária para nossa prática docente, pois o educador do século XXI deve estar preparado para os desafios que possam se apresentar, tendo discernimento para superá-los quando depende só de si e reivindicar a assistência necessária das instâncias educacionais que devem garanti-la de forma a viabilizar uma prática pedagógica que atenda as necessidades educacionais dos sujeitos pós-modernos.

O leitor questionador pode ter se perguntado sobre o porquê de atermo-nos aos profissionais da educação antes de tecermos nossas considerações sobre o ambiente escolar. Para tal questionamento, nossa justificativa é o fato de tomarmos os educadores antes como sujeitos pós-modernos que precisam se reconhecer como tal para, a partir desse reconhecimento, potencializar suas habilidades para o trato com a diversidade.

3.1 Teoria x prática: escola uma arena de conflitos

É inegável que se faz necessário no âmbito da educação básica, uma tomada de consciência das leis e demais documentos oficiais que regem nosso sistema educacional, tendo em vista a atuação profissional do corpo docente que a partir desse conhecimento terá oportunidade de orientar a prática pedagógica, como também buscar os direitos que esses documentos garantem.

Com o objetivo de trazer as discussões sobre a diversidade cultural para o âmbito educacional, tendo em vista o fato dessa temática ter ganhado espaço nas instituições de ensino em 1997 a partir da apresentação dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), os quais elegeram a Pluralidade Cultural como tema transversal do currículo, guiaremos nossas

discussões embasados no que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais, e a Lei 11.645/08, a qual alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em seu Art. 26-A incisos 1º e 2º, e substituiu a Lei 10.634/03 com o intuito de tornar-se mais abrangente, pois esta previa apenas a obrigatoriedade do ensino da história e cultural afro-brasileira, enquanto a Lei 11.645/08 acrescentou a obrigatoriedade de trato da temática indígena.

Antes de analisarmos se o que esses documentos dispõem no papel se concretiza na prática, faz-se necessário um conhecimento mais específico das propostas e ações neles apresentadas, para que a partir dessa compreensão possamos desviar nosso olhar das dificuldades e vislumbrar as possibilidades concretas de colaborar através de nossa prática educacional com as propostas das políticas afirmativas expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais (2003, p. 5)

O Ministério da Educação comprometido com a pauta das políticas afirmativas do governo federal, vem instituindo e implementando um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro.

Com o intuito de contribuir com a reparação de anos de preconceito e discriminação, o governo federal, a partir da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, criou a SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade), bem como o SEPIR (Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial), “redefinindo o papel do estado como propulsor das transformações sociais” (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais, 2003, p. 8).

Conforme sabido, a garantia de igualdade de direitos a todos os cidadãos brasileiros já é assegurada desde 1988 pela Constituição Federal, mas é inegável que as ações supracitadas impulsionaram esse debate para o meio social, propiciando reflexão e as primeiras tentativas de intervenção. Contudo, ainda temos muito que caminhar para conseguirmos concretizar a sociedade justa e igualitária que almejamos,

Essas discussões suscitaram a percepção da necessidade do despertar de uma consciência intercultural, para que os sujeitos pós-modernos assumam suas múltiplas identidades e as defendam, lutando pela desconstrução de estereótipos e orgulhando-se do seus pertencimentos étnico-racial; Assim a proposta de *educação com a diversidade* é fundamental para formação de cidadãos livres de preconceito de quaisquer espécie.

Dessa forma é preciso haver uma mobilização dos profissionais da educação a fim de garantir a concretização do que as leis dispõem. Entre as ações previstas para alcançar avanços significativos na implementação de uma pedagogia com a diversidade, destacamos a necessidade dos educadores tornarem-se conhecedores e aplicadores do que dispõem os documentos oficiais que regem o sistema educacional brasileiro tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais, que mesmo específicas a cada modalidade de ensino, priorizam a formação cidadã em cada fase de desenvolvimento do educando, as quais são fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e foram originadas da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e visam assegurar a formação básica comum.

Além do supracitado documento destacamos também os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) que objetivam oferecer as crianças e jovens, independente da realidade socioeconômica em que encontram-se inseridos, o direito a aquisição dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania.

Como possibilitar o despertar desta consciência profissional é o questionamento que fazemos, não estamos falando aqui em receitas prontas, pois sabemos que estas não existem, principalmente em uma profissão imprevisível como a de professor, mas estamos falando da necessidade de intervenção governamental, no sentido de propor estratégias que visem capacitar os educadores, para que quando estes virem a se deparar com situações de desrespeito, possam refletir e intervir da forma mais apropriada, conforme as orientações previamente recebidas. Assim entramos em defesa da adoção de políticas públicas e da elaboração de planos de gestão a fim propiciar a formação de educadores capazes, aptos a auxiliar na luta pela igualdade e respeito à diversidade.

3.2 Formação de educadores para uma pedagogia com a diversidade

Conforme explícito na LDB, lei orgânica que rege o sistema educacional brasileiro,, a responsabilidade da instituição escolar não se restringe a capacitar os educandos para o ingresso no mercado de trabalho e no ensino superior, mas subsidiar a formação cidadã destes sujeitos.

Assim os cursos de formação continuada de professores para a diversidade, constituem-se como ambientes propícios para reflexões, discussões e implementações de propostas que visem apontar caminhos para o trato com a diversidade no ambiente escolar, como ocorreu no *Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares*², do qual esta monografia é fruto.

Mas, para que essas discussões teóricas se convertam em prática, é essencial um comprometimento dos educadores no sentido de se dispor a participar das capacitações continuadas independente de sua área de atuação e formação, assim como a tornar-se multiplicador, constituindo-se como um elo entre o conhecimento disseminado nesses cursos e os docentes que ainda resistem a participar; como ocorre na escola que embasará nossas próximas discussões, onde, antes da apresentação de qualquer projeto pedagógico, há um momento de reflexão e socialização do conhecimento, a fim de justificar a necessidade de implementação de tal proposta.

De acordo com Canen e Xavier (2011, p. 645), antes de uma proposta de educação intercultural se faz necessário conscientizar os educadores dos três níveis de identidade que devem ser levados em consideração: as identidades individuais, coletivas e institucionais.

Assim, ainda que se enfatizem, em alguns momentos, os dois primeiros níveis identitários (o primeiro sendo relativo aos indivíduos e o segundo aos grupos de pertencimento desses indivíduos – seja em termos raciais, de religião, de opção sexual e outros), a consideração sobre as identidades das instituições ou organizações em que esses indivíduos atuam e onde a própria formação continuada docente ocorre se torna fundamental.

Desta forma é necessário que os educadores comprometidos com a formação cidadã de seus educandos, percebam-se com uma identidade individual, compartilhando de uma identidade coletiva, a profissional, e impulsionados pela identidade institucional.

3.3 Da divisão à integração

Indiscutivelmente, e a história nos comprova, há uma hierarquização não só cultural como também racial que propõe a sobreposição de uma cultura em relação à outra que representa a população menos favorecida, o que faz com que as diferenças sociais se convertam em uma divisão cultural e racial como acontece no caso do nosso país.

Poderia ter essa população às mesmas condições de formação educacional daqueles que recebem todo o incentivo e oportunidades de desenvolvimento humano? Conforme destacado anteriormente, as questões culturais estão diretamente ligadas às questões de poder e, conseqüentemente, a questões sociais, principalmente em uma sociedade eurocêntrica como a nossa, onde se privilegia uma cultura em detrimento à outra, o que faz com que os diferentes sujeitos reneguem suas identidades étnicas e culturais para conseguir uma aceitação social.

Tais informações nos permitem afirmar que a escola nem sempre foi um ambiente para “todos”. Inicialmente era privilégio de uma pequena classe abastada, atualmente está aberta para receber todas as demandas sociais, mas a garantia de acesso não significa o oferecimento das condições adequadas para a permanência e desenvolvimento pessoal de seus educandos, se anteriormente os sujeitos eram tratados de formas distintas. Hoje essa instituição tida como respeitável, continua ditando regras e afirmando o que cada um pode ou não fazer, constituindo-se como palco onde são construídas as diferenças, conforme percebemos através das considerações de Louro (1997, p. 57),

Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/aquelas aos quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos.

Mas será que a escola está preparada para lidar com essa diversidade? Ou a simples garantia de vagas a todos é a resposta que a sociedade necessita? A escola é o local onde o ser humano aprende a se afirmar e assumir sua identidade? Vários são os questionamentos e seria muita pretensão da nossa parte tentar respondê-los de forma determinante.

É indiscutível que o professor tem um papel fundamental na formação de seus alunos, por isso ele deve estar atento a sua linguagem e a forma como aborda determinados assuntos evitando assim o sexismo, o racismo, o etnocentrismo e outras formas de preconceito através da linguagem, a qual está presente nas diferentes relações sociais e práticas do ser humano. Pois ela não só expressa relações de poderes e lugares, como os institui, produz e fixa as diferenças.

Nesse contexto, a educação continua sendo exclusiva, pois tenta moldar os alunos e adaptá-los aos interesses de uma elite endinheirada, levando aos educandos conhecimentos que são amplamente disseminados no eixo Rio-São Paulo, quando a maior parte dos alunos não conhecem sequer a cultura regional. Daí a necessidade de inclusão de conteúdos e temas referentes à realidade vivida por nossos educandos

Diante da situação exposta, é fundamental que não só o corpo docente, bem como todos os demais profissionais da educação tenham a consciência de que a diversidade está na escola, e deve ser não apenas tolerada, mas respeitada, Nascimento (2005, p. 95) reflete que.

Não é de hoje que a educação vem sendo considerada, pelos atores da luta contra o racismo, como um espaço estratégico de atuação, pois dentro deste espaço se reproduz um modelo de educação fundado nos valores civilizatórios ocidentais, numa perspectiva hegemônica, negando a diversidade existente na sociedade brasileira, reproduzindo, assim uma ideologia de inferiorização das civilizações africanas e indígenas, que estão presentes no cotidiano destas comunidades.

Nas escolas públicas, onde há maior porcentagem de negros que nas particulares, observa-se um grande número de evasão e repetência. Isso cria um processo de estigmatização ao relacionar à raça a incapacidade dos alunos negros em aprender. Percebam aqui a utilização do multiculturalismo como manobra política, pois o Estado se isenta de qualquer responsabilidade e a população negra tem sua identidade negada e apresentada como um grupo sem autoestima.

Diante dessa situação, nos questionamos sobre qual perspectiva cultural deve ser adotada a fim de propiciar que o ambiente escolar deixe de ser o ambiente de exclusão e passe a ser o local de integração. Para tentar responder a essa questão, recorreremos mais uma vez a um dos mais renomados autores no que se refere ao trato da diversidade cultural, Stuart Hall, o qual inicia suas considerações acerca da *pedagogia com a diferença* destacando que o multiculturalismo na educação não deve ser tratado como tolerância ou simples respeito à diversidade, pois a estratégia de estimular bons sentimentos não traz ao centro das discussões as relações de poder nem a estratégia de relacionar a discriminação e o preconceito a distúrbios psicológicos, já que o tratamento para esta conduta exigiria um acompanhamento clínico dessas “atitudes inadequadas” (SILVA, 2011). O autor ainda sugere a desconsideração de outra postura, aquela que se propõe a abordar apenas superficialmente a temática, já que esta faz com que as diferenças culturais sejam vistas apenas como exóticas.

Após desconsiderar as posturas supracitadas, o referido autor entra em defesa de uma perspectiva que aborde a identidade e a diferença como questão de política, focando na representação social desses conceitos, pois diferente da diversidade biológica a diversidade cultural é produzida e deve ser questionada, tendo em vista que a noção de interculturalidade indica uma ação que perpassa pelas diversas culturas coexistentes.

4 DA CULTURA A INTERCULTURALIDADE: UM APELO À IGUALDADE

4.1 Projeto pedagógico da cultura erudita à cultura popular

A pluralidade cultural foi o tema escolhido para o projeto pedagógico desenvolvido no ano de 2012, porque além de ser um tema transversal do currículo proposto pelos PCNs (1997, 1998), constitui-se como uma forma de combate ao preconceito que perpassa pelas questões culturais, raciais e sociais, buscando contribuir com a formação de cidadãos capazes de conviver respeitosamente com a diversidade, mas vale salientar que antes de iniciarmos o desenvolvimento desse projeto, começamos a propor práticas pedagógicas que viessem a contribuir de forma positiva quando fossem efetivadas suas propostas desde 2011.

Nesse período anterior, foram sugeridas atividades escolares e eventos externos que contribuíssem com a aquisição de conhecimento, em um primeiro momento na escola, através de aulas temáticas ministradas pelos professores, posteriormente convocando toda comunidade escolar para conosco partilhar das experiências vivenciadas, para que, por fim, a partir da implementação do projeto, os educandos, pudessem assumir o papel de agentes atuantes.

Para tanto, guiamos nossa proposta pedagógica amparados por Libâneo (2004, p. 14 apud Davydov) o qual defende que “[...] a aprendizagem e o ensino são formas universais de desenvolvimento mental. O ensino propicia a apropriação da cultura e o desenvolvimento do pensamento, dois processos articulados entre si, formando uma unidade”. Tomando por base esta premissa propomos duas fases de “ensino desenvolvimental” que são indissociáveis a assimilação de conhecimentos teóricos, que ocorreu com a ministração de aulas temáticas, as palestras: Lampião: memórias e histórias e A cultura da gente, somos brasileiros, a Apresentação do Coral da UFPB e a Oficina de Teatro, eventos que ocorreram no ano de 2011 e serão apresentados na sequência, e a progressão das capacidades dos educandos, com o intuito de possibilitar mudanças no desenvolvimento do pensamento, o que ocorreu a partir do ano de 2012 com a efetiva implementação do projeto.

As experiências aqui relatadas foram vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu – PB, a qual antes de qualquer proposta concreta assumiu sua identidade institucional tanto no PPP (Projeto Político Pedagógico), quanto no Plano de Gestão (2012 – 2013), o qual propondo a valorização da diversidade nos direcionou para proposta de atividades com fins

primordialmente pedagógicos impulsionando-nos para o desenvolvimento dos projetos que serão foco de nossa análise neste capítulo.

Ofertando o Ensino Fundamental de segunda fase (6º ao 9º anos) e Ensino Médio, a partir de 2012 a escola passou a funcionar nos três turnos devido à necessidade de atender aos cerca de 525 alunos matriculados, pois possui apenas sete salas de aula. Os projetos desenvolvidos, que serão aqui analisados, foram propostos pela professora de Língua Portuguesa, Maria Aparecida Nascimento de Almeida, mas sempre apresentaram uma perspectiva de abordagem interdisciplinar, direcionados de forma mais específica para as turmas do Ensino Médio no turno da noite, estes sempre abriram espaço para propostas de atividades que integrassem os educandos das etapas de ensino oferecidas pela escola.

4.1.1 Palestras

Vários foram os momentos marcantes durante o desenvolvimento do projeto, os quais serão descritos e ilustrados na sequência. Inicialmente, a palestra **Lampião: memórias e estórias**, ministrada pelo professor Josias Barros, foi o primeiro evento extraescolar planejado e ocorreu na Câmara Municipal, da nossa cidade no dia 04 de outubro de 2011 quando ainda primávamos pela aquisição de conhecimentos, sendo aberta a toda comunidade.

Posteriormente, houve a palestra **A cultura da gente, somos brasileiros**, ministrada em um outro momento, mas no mesmo local, pelo professor da Universidade Federal da Paraíba, Fernando Abath, este evento foi proposto com o objetivo de conscientizar os educandos da pluralidade cultural presente em nosso país conforme afirma Laraia (2001, p. 21): “[...] É possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico”. Nesse sentido, o palestrante, o Professor Fernando Abath, elucidou aspectos linguísticos e comportamentais característicos das diversas culturas que coexistem no Brasil, buscando valorizar as diferenças, pois são estas que propiciam a diversidade inerente ao nosso país.

Figura 1. Palestra A cultura da gente, somos brasileiros



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2. Auditório da Palestra A cultura da gente, somos brasileiros



Fonte: Arquivo pessoal.

4.1.2 Apresentação do Coral do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Outro evento realizado que merece destaque, foi a apresentação do Coral da UFPB, que foi um marco para história da nossa escola, pois a maioria dos nossos educandos nunca teve oportunidade de prestigiar uma apresentação daquele porte; foi um momento único, também realizado na Câmara Municipal no dia 18 de novembro de 2011. Buscamos através dessa apresentação desvencilhar nossa prática educacional da que Brandão (2008, p.36) descreve,

A educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante do pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a “cientificação” crescente do conhecimento. Outra é a desqualificação de outras culturas e, sobretudo, as culturas populares, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver.

Na oportunidade de forma divertida e dinâmica, transmitimos a mensagem a que nos propomos de que na perspectiva intercultural “as culturas humanas são diferentes, mas nunca desiguais” (Brandão, 2008, p. 35), pois da mesma forma que conhecemos peças musicais erudita em língua portuguesa, inglesa, italiana e alemã; prestigiamos as interpretações das músicas populares, ocasião em que todos os educandos se empolgaram e perceberam suas raízes culturais.

Figura 3 – Apresentação de uma peça de música erudita



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 – Auditório da Apresentação do Coral do Departamento de Música da UFPB



Fonte: Arquivo pessoal.

A apresentação do Coral confirmou na prática o que já havíamos destacado teoricamente em nossas aulas temáticas, que não deve haver hegemonia cultural, pois tanto a cultura erudita como a popular tem seu valor e merecem ser respeitadas.

4.1.3 Oficina de Teatro

Em consonância com Brandão (2008, p. 37), para o qual,

A educação que tanto revê os seus currículos ganharia muito em qualidade se fosse capaz de realizar algo mais do que uma simples revisão. Se ela ousasse encontrar um sentido menos utilitário e mais humanamente integrado e interativo em sua missão de educar pessoas. Um dos passos nessa direção seria o de reintegrar e fazer interagirem as diferentes criações culturais do espírito humano, com um mesmo valor. Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entrececendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física.

Propomos uma Oficina de Teatro, realizada no prédio de nossa escola e ministrada pelo teatrólogo, diretor e cineasta Carlos Cartaxo, que teve por objetivo além preparar os educandos para efetiva atuação em nossa escola, fazendo com que estes pudessem passar de

meros expectadores a atores socializadores da nossa cultura, sensibilizá-los através dessa arte da importância de uma convivência harmoniosa com as diferenças.

A adoção da perspectiva teatral foi de grande valia, pois nos possibilitou vivenciar, mesmo que de forma inconsciente, o sentido da palavra alteridade, já que as dinâmicas propostas nos incentivaram em determinados momentos a pensar e agir como o outro, percebendo suas emoções, sensações e sentimentos, compreendendo a postura do parceiro e refletindo sobre nossos anseios e expectativas.

Figura 5: Dinâmica na Oficina de Teatro



Fonte: Arquivo pessoal.

4.1.4 Entrevista com Ariano Suassuna

No ano letivo de 2012, todos já ansiavam para o início do desenvolvimento do projeto, pois já tinham consciência da importância do mesmo. Nossa primeira ação foi apresentar o projeto para comunidade escolar, explicando quais seriam as primeiras atividades trabalhadas e eventos a serem realizados. Organizamo-nos também no sentido de obtermos o material necessário para realização dos eventos propostos e, no dia 09 de agosto de 2012, tivemos o prazer inenarrável de sermos recebidos pelo maior homenageado do nosso projeto, em sua residência no bairro da Casa Forte em Recife, Ariano Suassuna.

Na oportunidade, nossa admiração e respeito foram potencializados pela simplicidade, simpatia e generosidade desse mestre da Literatura Brasileira, que abriu as portas de sua casa

e nos recebeu; concedendo-nos uma entrevista, que foi exibida aos nossos educandos no encerramento dessa proposta pedagógica. Um dos objetivos dessa entrevista foi trazer a mensagem do principal representante do Movimento Armorial, o qual propõe a realização de uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste brasileiro. Ratificando de forma indiscutível nosso apelo de respeito e valorização da cultura popular.

Figura 6: Entrevista com Ariano Suassuna



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 7: Homenagem a Ariano Suassuna: entrega do santo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 8: Homenagem a Ariano Suassuna: entrega da porca



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 9: Autógrafos em Obras Literárias da Biblioteca da Escola



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.1.5 Gincana Temática

Concordando com (CHISTIAN, 2007, p. 52), quando afirma que no caso do Brasil “o problema é identificar o que é tradição oral, folclore ou cultura popular e o que não é”, propomos uma abordagem teórica nas aulas temáticas que tomou por base o termo folclore tal qual definido por (CASCUDO, 2002, p. 334) no seu Dicionário do Folclore Brasileiro, o qual assim define esse termo: “É a cultura popular [...] onde estiver um homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade”. Dessa forma, adequamos nossas atividades com vistas à valorização do saber do povo o qual segundo (Brandão, 2008) é desqualificado quando contraposto às formas de saber e viver eruditas.

A recepção às atividades propostas e a participação dos educandos foi mais do que satisfatória, pois no nosso primeiro evento, a Gincana Temática, dentro da Semana dedicada à Cultura Popular, obteve uma participação ativa e empolgante, foi uma oportunidade interessante de aprendizagem, pois tivemos possibilidade de socializar os conhecimentos adquiridos nas aulas temáticas que antecederam a gincana e vivenciar uma aprendizagem dinâmica e divertida, como também pudemos revelar vários talentos, já que, nesse momento de desenvolvimento efetivo do projeto, os educandos passaram a participar ativamente.

Tema: O Folclore Brasileiro

Lema: A Cultura Forma Sábios, a Educação Homens. (Louis de Bonald)

Período: de 20 a 24 de Agosto de 2012

Figura 10: Concurso de Trava-língua



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 11: Apresentação dos Ritmos Musicais: xote, xaxado e baião



Fonte: Arquivo Pessoal.

Essa gincana nos possibilitou destacar aspectos culturais presentes em nosso cotidiano como: estórias, músicas, danças e brincadeiras, com as quais nos identificamos, percebendo-nos como representantes da cultura popular.

4.1.6 Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB

No dia 24 de agosto de 2012 encerrando a semana dedicada à cultura popular, tivemos o prazer de receber a apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB, com o espetáculo Encantados. Esse evento foi realizado na quadra de esportes da nossa escola e aberto a toda população, que atendeu ao nosso convite e compareceu para prestigiar a fascinante apresentação, que nos emocionou e fez recordar nossas raízes culturais.

Figura 12: Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 13: Auditório da Apresentação do Grupo de Dança Popular da UFPB



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.2 Projeto Pedagógico: lei 11.645/08 fazer valer, basta querer!

É inegável que quando se traz ao centro da discussão a diversidade cultural e étnico-racial do nosso país, antigos conflitos vêm à tona, no ambiente escolar não é diferente. Por isso, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da Escola e com o Plano de Gestão elaborado para os anos de 2012 e 2013, propomo-nos a concretizar o que a lei 11.645/08 dispõe no papel. Não nos limitando apenas a incluir no currículo escolar o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, mas propondo, através de práticas pedagógicas específicas, o respeito e a valorização das diferenças e particularidades de cada cidadão, buscando assim contribuir com o reparo de anos de discriminação e preconceito, bem como visando através da conscientização amenizar o bullying tão frequente no ambiente escolar.

Porém, para que a escola passe de lugar de exclusão a espaço de integração, é necessário uma tomada de consciência por parte dos profissionais da educação da importância de sua intervenção enquanto formador de opinião, por isso, o projeto aqui apresentado foi elaborado em dezembro do ano de 2012 para ser apresentado ao corpo docente e demais funcionários no planejamento didático, que marca o início das atividades letivas 2013.

Para os educadores propomos um **Minicurso intitulado Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais**, e para os demais profissionais da escola uma oficina, para que estes pudessem perceber a importância do seu trabalho para a formação estudantil e cidadã dos nossos educandos, contribuindo assim para uma conscientização destes quanto à maneira mais adequada de se relacionar com nossos alunos e com os demais funcionários da escola.

Para o corpo discente, propomos atividades de conscientização e combate ao racismo, bem como de desenvolvimento de aptidões na produção textual e utilização dos meios eletrônicos como forma de combater o preconceito amplamente disseminado neste meio, além de uma proposta de integração com toda comunidade escolar, através da realização e participação em eventos do município, e com cidadãos de etnias e culturas diferentes através das nossas aulas de campo.

4.2.1 Minicurso – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais

O Minicurso foi realizado no prédio na escola no dia 04 de fevereiro de 2013, após a acolhida do gestor escolar que deu início os trabalhos do ano letivo. Na oportunidade, os

professores foram recebidos em um ambiente propício ao trato da temática e convidados a participar de uma dinâmica na qual puderam vivenciar por um instante o constrangimento ao qual somos submetidos quando passamos por situações de racismo e discriminação, como podemos perceber abaixo:

Figura 14: Minicurso Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 15: Dinâmica em Grupo Rompendo com o Preconceito



Fonte: Arquivo Pessoal.

Tal dinâmica contribuiu de forma significativa para o andamento do nosso minicurso, pois, em seus relatos, os professores expressaram seus sentimentos e evidenciaram a importância do trato da diversidade étnico-racial na escola.

Tomando por base o texto trabalho em equipe, aproveitamos a oportunidade para destacar a importância de todos aqueles da equipe de apoio da escola para a formação educacional de nossos alunos, o que nos motivou a apresentá-los também nosso projeto pedagógico para o ano letivo que se iniciara.

O presente projeto foi apresentado para a comunidade escolar no dia 07 de fevereiro de 2013 quando, acolhendo nossos educandos, exibimos a entrevista feita com Ariano Suassuna, encerrando o projeto anterior “Da Cultura Erudita à Cultura Popular” e apresentamos nossa atual proposta de trabalho. Na oportunidade, exibimos alguns slides com o intuito de suscitar em todos os presentes a importância do tema a ser debatido e apresentar nosso lema “Diga não ao preconceito, porque somos todos iguais na diferença e ser diferente é normal”!

4.2.2 – Aulas temáticas - A Influência Indígena na Cultura Brasileira

Vale destacar que a sequência de apresentação das aulas temáticas, foi programada de acordo com datas marcantes para as culturas: indígena e afro-brasileira, por isso iniciamos nossa sequência didática abordando aspectos da cultura indígena, tendo em vista *O Dia do Índio* em abril; com relação à cultura afro-brasileira, esta ganhou espaço em nossas discussões a partir de outubro, como preparativo para culminância do nosso projeto que ocorreu em novembro, tendo em vista *O Dia da Consciência Negra*.

As aulas foram ministradas em todas as turmas do ensino médio no turno da noite, nas quais leciono, quando destacamos vários aspectos da cultura indígena tais como as principais etnias, o multilíngüístico e as línguas gerais, termos de origem tupi presentes na língua portuguesa, religião, cultura dentre outros. Após as aulas temáticas, foi solicitado para os alunos do 3º Ano, das turmas A e B que organizassem uma exposição intitulada Descobrimos os Índios, para a qual cada equipe deveria destacar um dos seguintes aspectos: **Os povos Indígenas; As línguas Indígenas; O Índio na Literatura; O Índio Hoje.**

Pois nosso objetivo era fazer um percurso sobre a cultura indígena, enfatizando seu cotidiano no século XXI, bem como as lutas que este povo ainda trava constantemente para

fazer com que as leis que os representam sejam respeitadas e eles possam exercer a cidadania que a constituição brasileira garante a todos os cidadãos deste país.

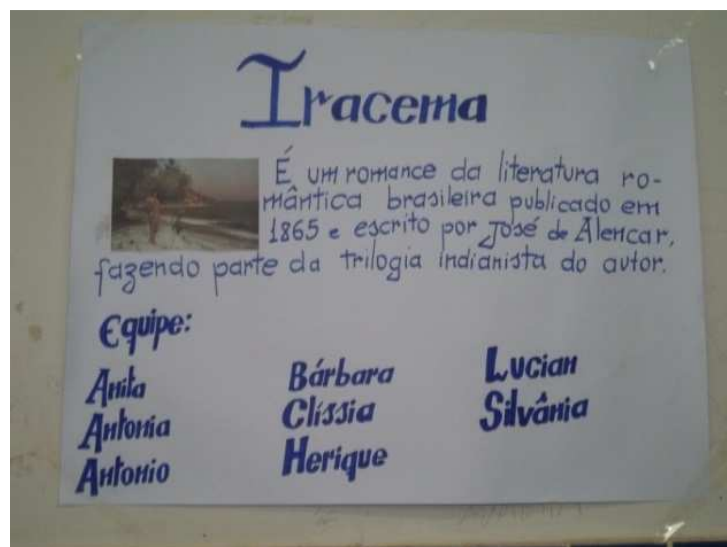
Os resultados da exposição podem ser observados nas fotos abaixo:

Figura 16: Exposição Descobrimdo os Índios



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 17: O Índio na Literatura Brasileira



Fonte: Arquivo Pessoal.

Além da exposição; no mês de agosto foi solicitado dos alunos a produção dos seguintes gêneros textuais: 1º Ano B – Soneto; 2º Ano A e B – Carta Argumentativa e 3º Ano A e B – Artigo de Opinião os quais já vinham sendo estudados nas respectivas turmas do Ensino Médio ao longo dos meses anteriores.

Tais propostas de produção textual foram elaboradas a fim de levar os alunos a identificarem e discutirem aspectos da cultura indígena, combatendo através dos seus textos o preconceito ao qual esta está submetida, tanto na escola quanto no meio virtual, pois dentre estes textos foi feita uma seleção para publicação no **Blog Raízes**, o qual foi criado com o objetivo de divulgar as atividades de nosso projeto.

4.2.3 “Arraiá” da diversidade

No “Arraiá” da Diversidade, nos dedicamos não só a organização do espaço com a decoração característica para criar um clima de festa junina, mas a propor uma reflexão a partir da interpretação de um cordel sobre as etnias que povoaram nosso país.

Figura 18: Apresentação do Cordel



Fonte: Arquivo Pessoal.

Além das apresentações e enfoque no tema do projeto, organizamos atividades e brincadeiras características das festas juninas como a pescaria e a quadrilha.

Figura 19: Quadrilha da Diversidade



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.2.4 Desfile Cívico

Mesmo tendo como objetivo tratar da temática africana mais especificamente em outubro, desde setembro introduzimos aspectos afro-brasileiros nos eventos que realizamos ou participamos, dentre os quais destacamos o Desfile Cívico Municipal no dia 07 de Setembro, que teve como **tema: De um passado corajoso a um futuro glorioso**, na oportunidade representamos as características culturais das etnias: portuguesa, indígena e africana, e o **Maracatu**, manifestação artística característica do Nordeste.

Figura 20: Representação dos Africanos



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 21: Representação do Maracatu



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 22: Representação dos Indígenas



Fonte: Arquivo Pessoal.

Mesmo tendo como foco o ensino médio, os alunos do Ensino Fundamental também foram engajados em algumas atividades que organizamos, tal participação é mais que pertinente tendo em vista os casos de bullying que ainda ocorrem em nossa escola, os quais vêm sendo constantemente combatidos.

4.2.5 Viagens as Aldeias Indígenas na Baía da Traição

Nossa primeira viagem a Baía da Traição teve como objetivo entrar em contato com a FUNAI e marcar a viagem dos nossos alunos. Na oportunidade procuramos o chefe de gabinete da Prefeitura Municipal do supracitado município, o qual nos direcionou ao Sr. Irenaldo representante da FUNAI, este gentilmente encaminhou os últimos detalhes para concretização da nossa viagem à Aldeia São Francisco, onde fomos neste momento acompanhados pelo funcionário Luiz Pereira e voltamos posteriormente na companhia da guia Eva e dos alunos que venceram o concurso de redação.

Figura 23: Prédio da FUNAI



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 24: Artesanatos Indígenas



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quando chegamos à escola indígena, as aulas já haviam sido encerradas, mas conversando com as funcionárias Cristiana e Aline, estas nos elucidaram que a referida instituição de ensino trabalha dentro da proposta pedagógica prevista para as escolas das aldeias, oferecendo o ensino do tupi e trabalhando com aspectos referentes à realidade dos educandos, como por

exemplo as plantas medicinais. Assim marcamos nossa visita visando um momento de integração entre os nossos educandos e os habitantes da aldeia, seguem abaixo as fotos de nossa visita a Escola Estadual Indígena no último dia 11 de outubro de 2013.

Figura 25: Escola Estadual Indígena da Aldeia São Francisco



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia 12 de novembro retornamos a Baía da Traição, desta vez com os alunos, e tivemos a oportunidade de conhecer três aldeias e um pouco mais da cultura indígena, conforme podemos observar nas fotos abaixo:

Figura 26: Professores e Alunos na Aldeia do Forte



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 27: Equipe da Escola e Índios Potiguaras



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 28 – Explicação da Guia Turística sobre a Cultura do Povo Potiguará



Fonte: Arquivo Pessoal.

A visita às aldeias, constituiu-se como uma aula de campo muito proveitosa, pois Eva, a guia que nos acompanhou, não nos falou apenas como alguém que conhece a realidade indígena, mas como quem vivencia, o que lhe permite um discurso com propriedade, nesta ocasião tivemos a oportunidade de conhecermos as aldeias, bem como a história dos potiguaras, seus anseios, lutas e conquistas. Tornando o conhecimento adquirido nas aulas temáticas significativo pela oportunidade de interação com o povo dessa etnia.

4.2.6 Jogos Internos Da África ao Brasil: uma História de Superação

A abertura dos Jogos Internos de nossa escola ocorreu no dia 18 de outubro, quando tivemos o prazer de receber, pais, alunos, ex-alunos, professores e funcionários da nossa instituição, bem como da outra escola estadual com sede em nosso município. Desde 2011 a realização dos jogos Internos constitui-se como uma forma de integração entre a escola e a comunidade, que assim como nos anos anteriores veio nos prestigiar. Durante nossa acolhida, fizemos questão de destacar a importância do tema do projeto que vem sendo desenvolvido desde o início do ano, com o objetivo de fazer com que aquele momento também pudesse se tornar uma oportunidade de conscientização.

Após este primeiro momento, recebemos nossos alunos representando: os portugueses, índios e africanos, frisando a importância do respeito à diversidade racial e cultural do nosso país, bem como alunos trazendo o nome da escola, nossa bandeira e as demais representando as três esferas governamentais, e ouvimos a execução dos Hinos: Nacional e Municipal. Na sequência, o aluno do 2º Ano A do turno da noite José Ewerton de Andrade Régis, acendeu a pira “olímpica” e fez o juramento do atleta, juntamente com representantes das equipes que participaram dos jogos.

Após este cronograma passamos para as apresentações especialmente preparadas para esta noite: o coral do Mais Educação de nossa Escola interpretou a música: Porta do Sol. O Grupo de Dança da Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão, foi convidado e apresentou o **Carimbó** que é considerado um gênero musical de origem indígena, porém, miscigenou-se recebendo outras influências, principalmente africana. Abrihantando ainda mais esta noite recebemos a Seleção de Ginástica Rítmica de João Pessoa, treinada pelas técnicas Sonaly Lucena e Kátia Calzavara, a qual disputou no mês de outubro o Campeonato Nacional no Rio Grande do Sul, a apresentação foi linda e arrancou muitos elogios de todos os presentes.

Figura 29: Equipe de Ginastica Rítmica de João Pessoa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Por fim o Programa Mais Educação de nossa escola preparou com muito carinho uma dança Afro, representando aspectos culturais característicos desta cultura que foram absorvidos pela cultura brasileira.

Figura 30: Dança Afro-brasileira



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer, mas é notório que o trato destas temáticas no ambiente escolar começa a quebrar certos tabus e levar os nossos educandos a reflexão de seu papel enquanto cidadão que deve respeitar e ser respeitado quanto a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, é possível afirmar que as noções de identidade e diferença são indissociáveis, tendo em vista que estas palavras podem ser respectivamente definidas como: “aquilo que sou” e “aquilo que o outro é” (SILVA, 2011). Isso significa que até mesmo a identidade apresenta traços da diversidade, pois ao me identificar de determinada forma, tomo os outros como parâmetro para me definir como diferente destes. Logo, é preciso considerar primeiro as diferenças, pois são elas que possibilitam a identidade.

Vale salientar que nossa proposta ao escrever este texto monográfico não é esgotar aqui a discussão, o que não seria possível mesmo se fosse nossa intenção, pois uma compreensão exata das culturas e dos sujeitos que as representam, significaria a compreensão da própria natureza humana (LARAIA, 2001). Também não temos a pretensão de indicar o caminho a ser seguido rumo a uma pedagogia da diversidade, o qual deve ser traçado e seguido mediante a identidade institucional assumida por cada escola, com a devida intervenção dos profissionais da educação, tendo como público alvo a comunidade escolar, levada em consideração a partir de suas características e peculiaridades.

Socializamos aqui as experiências por nós vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu-PB, com o intuito de destacar que uma escola pública não pode permanecer inerte diante da realidade, em que se configura, por não receber o devido apoio das instâncias educacionais superiores. Constatamos, então, que temos direitos e devemos continuar lutando para conquistá-los, mas enquanto lutamos, direcionemos nossa dinâmica de trabalho rumo à esperança e transformemos as dificuldades em possibilidades, pois sem essas palavras nossa prática ficaria inviável, tendo em vista os contratempos que enfrentamos diariamente para cumprimos a nossa função com responsabilidade.

Desafios virão, mas é o nosso posicionamento diante deles que determina nosso posto de vitorioso ou derrotado, seja na vida pessoal ou profissional. Dessa forma, não deixemos que nossas insatisfações interfiram em nosso trabalho docente a ponto de negligenciarmos uma perspectiva de uma vida melhor para os nossos educandos. Propiciemos a integração entre a diversidade e a escola, para que cada sujeito tenha consciência de que são essas diferenças que nos tornam seres únicos e possam ingressar nessa luta contra o preconceito, racismo e discriminação ao ouvir nosso apelo em defesa da interculturalidade.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de Criar Cultura, Cultura popular, Arte e Educação. In: **Cultura Popular e Educação: salto para o futuro**. Brasília:SEED/MEC, 2008, p. 25 – 38. Disponível em http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro_salto_cultura_popular_e_educacao.pdf. Acessado em 03/06/2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.
- CANEN, Ana; XAVIER, Gisele Pereli de Moura. Formação Continuada de Professores para a Diversidade Cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Educação**. Edição 48 Set/Dez/2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a07.pdf>. Acessado em 03/06/2014.
- CARRANO, Paulo. Identidades culturais e escolas: arenas de conflitos e possibilidades, 2008. In: Coletânea de Textos Didáticos – Módulo 3 - **Sujeito Cultura e Contemporaneidade**. UEPB, 2013.
- CHRISTIAN, DadieKacou. **Um africano lê Macunaíma**: uma interpretação da rapsódia de Mário de Andrade com base em elementos literários e culturais negro-africanos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira da USP/FFLCH.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, maio/jun. 2003.
- HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In: **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro DP&A, 2006. Disponível em http://www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc. Acessado em 04/06/2014.
- LARAIA, Roque de Barros. Da Natureza da Cultura ou Da Natureza à Cultura. In: **Cultura: um conceito antropológico**. 14º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001. Disponível em <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cultura-um-conceitoantropologico.pdf>. Acessado em 03/06/2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Disponível em <http://educacaoemhomofobia.files.wordpress.com/nuh-educacao-genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acessado em 04/06/2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. A Didática e a Aprendizagem do Pensar e do Aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de VasiliDavydov. In: **Revista Brasileira de Educação**. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>. Acessado em 01/06/2014.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Alteridade uma Noção em Construção**. 2008. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf. Acessado em 04/06/2014.

NASCIMENTO, Valdecir Pedreira. Pressupostos Básicos da Formação de Professores no Projeto Escola Plural: A Diversidade está na Sala. São Paulo, Cortez, 2005. In: Coletânea de Textos Didáticos – Módulo 3 - **Sujeito Cultura e Contemporaneidade**. UEPB, 2013.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”. Um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/FAPES. Rio de Janeiro: Pala, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e Identidade: o currículo multiculturalista. In: **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. 3ª ed. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://sites.google.com/site/teoriasdecurrículo/home/livro>. Acessado em 05/06/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. In: Coletânea de Textos Didáticos – Módulo 3 - **Sujeito Cultura e Contemporaneidade**. UEPB, 2013

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. **A Complexidade Inerente aos Processos identitários Docentes**. 2009 CEMorOC – Feusp / IJI - Universidade do Porto. Disponível em http://www.hottopos.com/notand_lib_12/malu.pdf. Acessado em 04/06/2014.

SILVA, Joaquim Paulo. **Interculturalidade e Transdisciplinaridade – Mudança Social e Saber no Campo das Teorias e Práticas do Serviço Social**. Disponível em: <http://www.cpihts.com/PDF/Joaquim%20Silva.pdf>. Acessado em 04/06/2014.

TASCHNER, Gisela B. A Pós-modernidade e a Sociologia. In: **Revista USP**, São Paulo, Edição 42, Junho/Agosto/1999. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/42/01-gisela.pdf>. Acessado em 03/06/2014.